

**Jogos paraolímpicos na visão de crianças: uma conversa sobre a deficiência**

*The paralympic games through the children's eyes: a good talk on disability*

Danielle da Silva Pinheiro Wellichan  
Fernanda Mussato Vasconcelos  
**UNESP**  
Marília, SP - Brasil

**Resumo**

Tendo em vista a ocasião dos jogos paraolímpicos de 2020 buscou-se conhecer a percepção de estudantes de terceiro ano do Ensino Fundamental I e seu universo no contexto paraolímpico. Trata-se de um estudo de caso, com base em uma pesquisa descritiva e conforme constatado, o esporte apresentou-se como uma ferramenta de transformação, que pode contribuir para novos olhares condizentes com os princípios da inclusão e para o melhor convívio entre as crianças. Reafirma-se que a curiosidade infantil tão presente nos relatos, deve ser aproveitada em prol de informações corretas, evitando preconceitos e equívocos.

**Palavras-chave:** Pessoa com deficiência. Jogos Paraolímpicos. Percepção infantil.

**Abstract:**

Taking into account the occasion of the 2020 paralympic games, we sought to know the perception of third-year students in Elementary School on such games and the universe in the paralympic context. This is a case study, based on a descriptive research, carried and as noted, sport presented itself as a tool for transformation, which can contribute to new perspectives that are consistent with the principles of inclusion and for better interaction among children. It is reaffirmed that the childhood curiosity, so present in the reports, should be used in favor of correct information, preventing prejudice and misunderstandings.

**Keywords:** Disabled person. Paralympic Games. Children's perception.

## **Introdução**

Os jogos paraolímpicos envolvem as modalidades adaptadas ou criadas para atletas com deficiência. Inicialmente sua história está relacionada à Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a reabilitação de militares feridos em guerra, como uma forma de acolhimento, reabilitação e uma reinserção à sociedade.

O médico Ludwig Guttmann, considerado o “pai do paradesporto”, especialista em lesões medulares em um hospital britânico, iniciou trabalhos voltados à reabilitação de veteranos sequelados por meio do esporte, o que evoluiu ao longo do tempo para uma recreação competitiva. Embora possam ser pelo lado do desafio e da descoberta de habilidades para um corpo em condições diferenciadas, tais jogos estimulavam não só a saúde e o aprimoramento de habilidades e potencialidades, como também representavam um estímulo para buscar a qualidade de vida, independente das condições físicas ou intelectuais de cada um (ARRUDA, [20--]; MARQUES ET AL, 2009; TONOM; RUBIO, 2018; SIMIM, 2020; CATUNDA, 2021).

Inicialmente, os esportes eram para atletas que utilizassem a cadeira de rodas e competiam com arco, flecha e sinuca. Com o passar dos anos as modalidades foram se ampliando e novas condições de deficiências foram incorporadas. Assim, atletas amputados e aqueles com deficiência visual também podiam participar.

Considerado como um esporte de alto rendimento, a cada quatro anos, os jogos paraolímpicos apresentam um número maior de atletas inscritos e novas modalidades são acrescentadas ao evento, que ocorre na mesma localidade dos jogos olímpicos. Organizações esportivas, federações e comitês foram sendo desenvolvidos e o desempenho dos atletas tornou-se um destaque importante, definindo potenciais e comprovando o valor em seu sentido mais amplo do esporte.

No campo educacional, a temática sobre jogos olímpicos, em geral, se apresenta como uma ampla possibilidade de abordagem, com aderência em várias disciplinas em qualquer fase escolar. Especificamente na Base Nacional Curricular Nacional (BNCC), o ensino fundamental divide-se em cinco áreas do conhecimento: linguagens, matemática, ciências da natureza, ciências humanas e ensino religioso, sendo que a Educação Física, encontra-se na área de Linguagens, junto às disciplinas de Artes, Língua Portuguesa e Inglesa.

Dividida em seis unidades temáticas: brincadeiras e jogos; esportes; ginástica; dança; lutas e práticas corporais, a Educação Física assume um papel importante no âmbito sociocultural, além de seu aspecto físico, como pode ser observado nas competências básicas descritas na base:

1. Compreender a origem da cultura corporal de movimento e seus vínculos com a organização da vida coletiva e individual.
2. Planejar e empregar estratégias para resolver desafios e aumentar as possibilidades de aprendizagem das práticas corporais, além de se envolver no processo de ampliação do acervo cultural nesse campo.
3. Refletir, criticamente, sobre as relações entre a realização das práticas corporais e os processos de saúde/doença, inclusive no contexto das atividades laborais.
4. Identificar a multiplicidade de padrões de desempenho, saúde, beleza e estética corporal, analisando, criticamente, os modelos disseminados na mídia e discutir posturas consumistas e preconceituosas.
5. Identificar as formas de produção dos preconceitos, compreender seus efeitos e combater posicionamentos discriminatórios em relação às práticas corporais e aos seus participantes.
6. Interpretar e recriar os valores, os sentidos e os significados atribuídos às diferentes práticas corporais, bem como aos sujeitos que delas participam.
7. Reconhecer as práticas corporais como elementos constitutivos da identidade cultural dos povos e grupos.
8. Usufruir das práticas corporais de forma autônoma para potencializar o envolvimento em contextos de lazer, ampliar as redes de sociabilidade e a promoção da saúde.
9. Reconhecer o acesso às práticas corporais como direito do cidadão, propondo e produzindo alternativas para sua realização no contexto comunitário.
10. Experimentar, desfrutar, apreciar e criar diferentes brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes, lutas e práticas corporais de aventura, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo (BRASIL, 2018a, p.223).

Diante de tais competências, é possível encontrar em situações do cotidiano, possibilidades para serem exploradas em sala de aula e buscar junto aos estudantes a prática e a reflexão, como a ação desenvolvida e descrita neste texto.

Almeida (2008, p.25) menciona que a Educação Física não deve ser voltada para a execução de tarefas competitivas ou jogos que privilegiam os mais habilidosos:

Ela não se restringe a correr, jogar futebol ou brincar, mas deve integrar o estudante de um modo completo, transmitindo conhecimentos diversos e adaptando o conteúdo das aulas à individualidade de cada estudante e à fase de desenvolvimento em que cada estudante se encontra. É um meio de desenvolver as potencialidades de cada um, mas não de forma seletiva e sim, incluindo todos os estudantes no programa.

O mesmo autor traz ainda que a Educação Física escolar tem por objetivo incluir os jovens com deficiência através da psicomotricidade e da formação afetivo-social e cognitiva, o que poderá colaborar com a autoestima do educando e superação das barreiras vindas da discriminação.

Dessa forma, o texto a seguir trata-se do registro de uma atividade desenvolvida no contexto dos jogos paraolímpicos com uma turma de terceiro ano do Ensino Fundamental I, com a participação de estudantes de forma presencial e remota. Com a finalidade de conhecer a percepção dos estudantes a respeito dos jogos paraolímpicos e seu universo, buscou-se por meio de uma aula expositiva elaborada em conjunto com professores e equipe da biblioteca escolar, conversar com os estudantes sobre a deficiência e aspectos que a envolvem no contexto paraolímpico<sup>1</sup>.

Para o referencial teórico introdutório, buscou-se na literatura nacional, materiais impressos e eletrônicos em bases de dados e repositórios institucionais. Metodologicamente, tratou-se de um estudo de caso, embasado em uma pesquisa descritiva (RUDIO, 2001; COSTA; COSTA, 2001), na qual se utilizou como instrumento de coleta uma atividade gravada em vídeo. Posteriormente, os dados foram transcritos, analisados e tratados com base nos aportes teóricos de Manzini (2020) e Bardin (2016). Os conteúdos abordados representaram um roteiro semiestruturado para iniciar as conversas.

Almeja-se que ao compartilhar a experiência vivenciada em sala de aula, outras oportunidades possam ser elaboradas com a temática e que a deficiência possa ser tratada cada vez mais de forma natural e respeitosa, tanto na escola quanto na vida da criança em geral.

### **O jogo, o atleta e a deficiência**

Os bons resultados obtidos nas edições anteriores e na atual dos jogos paraolímpicos oferecem à sociedade, em geral, uma visibilidade importante sobre a deficiência. Países se estabelecem como potência esportiva e destacam a necessidade de maiores investimentos nas modalidades paraolímpicas, além de despertar para a necessidade de patrocínios e campanhas conscientizadora sobre as potencialidades da pessoa com deficiência.

Em meio a dúvidas gerais, como citado por Haiachi *et al* (2016, p.3000), o termo paralímpico pode ser usado “[...] quando fizer parte de nome próprio (Comitê Paralímpico

Brasileiro ou Jogos Paralímpicos). Nos demais casos utiliza-se esporte paraolímpico e/ou atleta paraolímpico”.

O esporte paraolímpico no Brasil seguiu a tendência internacional, partindo de iniciativas educacionais, recreativas, terapêuticas e de reabilitação. Principalmente nas duas últimas décadas, tem passado por processos de mudança significativas com relação ao seu enfoque e à tecnologia empregada. Para além dos objetivos iniciais, avançou-se na busca do alto rendimento esportivo. Esse cenário tem sido cada vez mais o foco da atenção de pesquisadores e estudiosos do esporte (CARDOSO *et al.*, 2016, p.4).

Atletas que buscam a excelência na prática esportiva, a habilidade e a potencialidade diante da deficiência, as modalidades desconhecidas que despertam interesses e a representatividade são legados inquestionáveis para a sociedade e diante disso, apresentam-se como oportunidades a serem exploradas em diversas áreas, como na educação, por exemplo.

Fato é que, desde a segunda metade do século XX, as sociedades estão se tornando progressivamente mais inclusivas (OMOTE, 2004), o que não garante que a pessoa com deficiência esteja em uma situação favorável, com seus direitos respeitados e seus espaços garantidos. Ainda existem o preconceito, as diferenças e o capacitismo, que contaminam as relações e afetam o convívio entre pessoas com e sem deficiência.

O capacitismo, em especial, é muito presente na mídia, ao apresentar atletas como heróis, principalmente em época de jogos como os paraolímpicos. Essa visão capacitista distorce a visão do real, do indivíduo e o coloca em uma posição que pode não considerar toda a realidade por ele vivenciada e ainda estereotipá-lo (FIGUEIREDO, 2014). Por isso, torna-se essencial que a deficiência seja tratada e retratada com realidade e informação, conforme citado por Torri e Vaz (2017, p.549) “Talvez seja o caso de produzir uma outra narrativa sobre eles, sem desconhecê-los as particularidades, mas reconhecendo-os como o que são: atletas”.

Por outro lado, a mídia contribui para a veiculação do esporte e dos paratletas, apresentando acessórios utilizados nas competições (cadeiras, próteses, equipamentos...) “que podem contribuir para a desestigmatização das pessoas com deficiência” (SANTOS, *et al.*, 2018, p. 21). Nesse sentido, é preciso que a veiculação das informações seja trabalhada com cautela para que seja compreendida sem equívocos. E nessa compreensão, a família e a escola podem ajudar desde os anos iniciais, aproveitando a curiosidade infantil sobre o tema para transmitir e compartilhar informações corretas e não preconceituosas.

Olhares mais inclusivos estão surgindo graças às ações de movimentos sociais e institucionais, novas descobertas de tratamentos, eventos especializados e a criação de uma legislação que assegure os direitos e reafirme os deveres da PcD (Pessoa com Deficiência) como qualquer cidadão.

Nas escolas, observando a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, uma escola inclusiva é aquela que acolhe todas as crianças independente de deficiência ou não. E para que o convívio seja harmonioso para todos, trabalhar a deficiência é algo que precisa estar nas preocupações não só da escola e dos currículos, mas de toda sociedade.

É de grande relevância que as crianças típicas em idade escolar recebam estímulos com a finalidade de interiorizar valores inclusivos, estando imersas em contextos que propiciem contatos nesse sentido.

Entende-se que uma criança ao ser inserida desde cedo nesse contexto inclusivo, tem maiores possibilidades de estabelecer relações mais harmoniosas com esses sujeitos, pois vai naturalmente internalizando os valores contidos nessa realidade. Em contrapartida, para um adulto é muito mais difícil, pois já tem seus valores e concepções sociais pré-estabelecidas (FREITAS; COSTA, 2014, p.12).

No tocante ao ambiente escolar a convivência entre os estudantes tidos como típicos (sem deficiência) e os com deficiência (atípico), possui grande potencial para uma troca rica de experiências para além do contexto escolar. Por meio dessas interações torna-se possível que haja o desenvolvimento e amadurecimento de habilidades sociais que podem levar a transformações valiosas na forma como as crianças enxergam e lidam com as diferenças.

A BNCC traz em suas Competências Gerais preceitos que visam à construção de atitudes e valores na busca de uma sociedade mais humana e justa, como:

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários (BRASIL, 2018b, p.12).

Nesse sentido cabe à escola despertar discussões, esboçar metas, planejar e executar ações que fomentem no grupo discente a democracia inclusiva desde a mais tenra idade,

desencorajando e combatendo práticas discriminatórias e preconceituosas, além de incentivar o respeito às diferenças e diversidades.

A aprendizagem de um convívio produtivo nessa diversidade é essencial para a formação de novas gerações mais bem qualificadas para a promoção da equidade e justiça social (OMOTE, 2006).

Escola e família constituem as principais instituições às quais os seres humanos inicialmente pertencem. Enquanto a família tem papel essencial na construção do caráter e formação da personalidade de um indivíduo, é na escola que serão postos em prática os princípios de convivência social norteados no ambiente familiar.

Não é apenas a família da criança do Público-Alvo da Educação Especial (PAEE) que precisa contribuir para que a inclusão social na escola seja efetiva. Familiares de todos os estudantes que integram a comunidade escolar devem estimular em seus filhos no desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais e psicológicas que visam o respeito às diferenças, a aceitação e integração de todos, sem exceção.

A escola não deve ser pensada apenas como algo abstrato, mas sim como uma organização formada por estudantes, professores, gestores, pais, servidores e comunidade. Esses possuem crenças e valores pessoais, que estão presentes nas relações sociais que ocorrem no interior da escola (OMOTE; FONSECA-JANES; VIEIRA, 2014, p.153).

Dessa forma, a relação entre escola e família deve ser estreita, uma complementando as ações da outra na busca de formar crianças solidárias, empáticas, compreensivas e respeitadas frente à diversidade de pessoas com as quais terão contato, abrindo possibilidades de transformação de todo o contexto social no qual estão inseridas.

### **Uma conversa interessante**

A atividade proposta se desenvolveu durante a temporada dos jogos paraolímpicos de 2020 (ocorridos no ano de 2021 devido à pandemia de COVID-19) nos meses de agosto e setembro.

Durante o período citado, a temática das olimpíadas e das paraolimpíadas foi trabalhada pelas escolas em diversas disciplinas e com diferentes abordagens. Em uma escola particular de Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, localizada em uma cidade no interior do estado de São Paulo, a temática das olimpíadas e das paraolimpíadas foi desenvolvida com estudantes do terceiro ano do Ensino Fundamental I, no modelo híbrido

(união de dois modelos de aprendizagem: ensino presencial e ensino remoto, adotado durante a pandemia).

Foram trabalhadas duas salas de terceiro ano do Ensino Fundamental I com faixa etária de oito e nove anos, em um grupo de 40 estudantes, sendo 14 no ensino presencial e seis no ensino remoto no período da manhã e 12 no ensino presencial e oito no ensino remoto no período da tarde.

A temática foi tratada nas disciplinas de Língua Portuguesa, História, Geografia, Matemática, Artes e Educação Física. Em parceria com a biblioteca escolar local, materiais foram localizados e selecionados para que pudessem ser trabalhados durante a exploração da temática na escola. Professores e equipe da biblioteca trabalharam juntos na programação de ações a serem propostas e encaminhadas aos estudantes.

De acordo com a ocorrência dos jogos, foram trabalhados primeiro os jogos olímpicos e posteriormente os paraolímpicos. Neste texto, o recorte foi realizado para as ações desenvolvidas durante o trabalho com a temática dos jogos paraolímpicos, pelas possibilidades que ele ofereceu no decorrer de seu desenvolvimento. Dentre as possibilidades encontradas, conversar sobre as pessoas com deficiência em um contexto esportivo despertou a atenção de estudantes e professores.

Organizados em um espaço na quadra poliesportiva da escola, um telão para projeção foi disponibilizado para a atividade, bem como os equipamentos tecnológicos necessários para que os estudantes que estivessem no ensino remoto também pudessem participar.

Foi elaborada e projetada uma apresentação de slides com a história dos jogos paraolímpicos, com destaques para os aspectos históricos, as modalidades, como a delegação brasileira estava composta, regras principais, países participantes, personalidades esportivas e quadro de medalhas. A partir daí cada disciplina definiu seu foco dentro da temática e atividades foram desenvolvidas oferecendo aos estudantes um trabalho interdisciplinar.

Na disciplina de Educação Física, em foco neste texto, cada modalidade esportiva foi vista na prática por meio de vídeos oficiais previamente gravados. Após essa exibição, foram apresentadas as regras oficiais, os países participantes da modalidade, os atletas brasileiros que participavam e o quadro de medalhas.

No decorrer das atividades, os estudantes começaram a expressar comentários interessantes a respeito dos assuntos abordados e diante disso, identificou-se três categorias (BARDIN, 2016) que foram discutidas a seguir.

### **1ª Categoria: modalidade paraolímpica**

Nas paraolimpíadas de Tóquio (2020), as modalidades oferecidas foram: Atletismo, Badminton, Basquetebol (em cadeira de rodas), Canoagem, Ciclismo (estrada e pista), Esgrima (em cadeira de rodas), Futebol de 5, Hipismo, Judô, Levantamento de peso, Natação, Remo, Rugby (em cadeira de rodas), Taekwondo, Tênis de mesa, Tênis (em cadeira de rodas), Tiro esportivo, Tiro com arco, Triatlo, Vôlei sentado e as exclusivas para pessoas com deficiência: Bocha (para atletas com grau elevado de paralisia cerebral ou deficiências severas) e Goalball (para atletas com deficiência visual, baseado nas percepções tátil e auditiva).

Apresentadas as modalidades, pequenos vídeos com recortes das competições foram novamente apresentados, assim como suas regras oficiais. No decorrer da apresentação, os estudantes eram livres para compartilhar suas percepções e alguns trechos dessas conversas foram reescritos a seguir devido a sua importância no contexto trabalhado. Ressalta-se que não houve diferenciação entre relato de estudante presencial ou remoto:

*Nossa, eu gostei bastante de tudo, nem sabia que tinha todos esses esportes e também nunca tinha visto olimpíadas para essas pessoas. Achei que elas não conseguiam fazer esporte (Felipe, 8 anos).*

*Ah eu sabia que elas podiam fazer, mas não sabia como era que acontecia isso. Achei bem diferente, mas tem algumas coisas que são bem iguais. O que eu mais gostei é que a gente fica curioso para ver como funciona e aí depois a gente pode brincar disso também (Laís, 9 anos).*

*Eu já tinha visto porque minha mãe me levou para ver um jogo de bocha um dia. Achei muito divertido, mas dá um medo deles cáirem da cadeira. Eu gostaria de jogar, parece bem legal (Natália, 9 anos).*

*Eu achei estranho. Como eles podem fazer essas coisas? Tem coisa muito difícil ali, nem a gente consegue. Acho que para eles os esportes devem ser mais fáceis do que para a gente, senão eles não conseguem fazer (Joaquim, 9 anos).*

*Eu não gostei. Não sei dizer porque, mas eu não gostei não. Acho que atleta precisa ser diferente (Rodrigo, 9 anos).*

*O que eu mais gostei foi do vôlei sentado, acho que eu já joguei isso com meus irmãos, mas não sabia o nome. Gostei daquele jogador grandão que passou.*

## *Jogos paraolímpicos na visão de crianças: uma conversa sobre a deficiência*

*Mesmo sentado ele ainda é o maior do time, maior que eu até. É muito legal (Ruan, 8 anos).*

*Eu nunca tinha visto o Goalball, achei ele muito legal, mas parece que ficar com os olhos vendados deve incomodar bastante (Juliana, 8 anos)*

*Gostei de ver como eles conseguem fazer as atividades. Como eles conseguem nadar sem braços e pernas... vou tentar fazer isso quando estiver na piscina. Eu aprendi bastante coisa que posso tentar fazer depois, para ver como é que é. Na verdade professora, eu gostei mais da paraolimpíada do que da olimpíada porque aprendi muita coisa que eu não sabia (Bia, 9 anos).*

*Eu também gostei mais da paraolimpíada porque os atletas parecem mais alegres, eles dão risada e eu acho que eles treinam mais também porque deve ser difícil para eles. Acho que eles tiveram que aprender do jeito que eles conseguem (Luciana, 8 anos).*

*Não conhecia nenhum atleta não. Achei muito diferente ter tanta gente nesses esportes. Prefiro os jogos normais (Rodrigo, 9 anos).*

Ao mesmo tempo em que se percebe a curiosidade dos estudantes a respeito da execução das modalidades e do desenvolvimento delas pelos atletas paraolímpicos, percebe-se também o quanto a falta de informação pode acompanhar o preconceito e o capacitismo em algumas falas, o que pode refletir em uma convivência não agradável para uma criança com deficiência em meio a outras. Assim, alguns relatos despertam a preocupação de orientar a fim de evitar formas hostis de preconceito e a exclusão na convivência infantil e escolar. Reafirmam também a necessidade de esclarecer dúvidas quanto à deficiência desde muito cedo com as crianças, para que relações saudáveis sejam instituídas desde os anos iniciais.

É possível, levando em consideração a falta de informação, que as crianças típicas e até mesmo os professores resumam as crianças com deficiência apenas como sendo “deficientes”, com o foco em suas limitações e dificuldades, não notando, incentivando ou valorizando as suas potencialidades, por isso, profissionais com deficiência podem contribuir para novos olhares a respeito de suas realidades. De acordo com Omote (2006, p.264) é importante capacitar a pessoa com deficiência para atender às demandas do meio para que consiga fazer parte dele de modo competente:

*[...] é preciso então, buscar um equilíbrio entre o esforço para a adequação às condições de cada estudante e o esforço por parte dos estudantes para se adequarem às condições, critérios e normas na coletividade de que fazem parte [...] as pessoas precisam ser capacitadas para o enfrentamento das demandas do meio que pretende ser inclusivo.*

Para que sejam vistos por completo, como qualquer outro ser humano, faz-se necessário que haja uma mudança na concepção de deficiência de todos os envolvidos na comunidade escolar a começar pelos professores, os quais são sempre exemplo para seus estudantes. Docentes que veem o PAEE como “coitadinhos” e que os tratam de maneira diferente dos outros, influenciarão os demais estudantes com atitudes opressoras que só minimizarão seu real potencial de aprendizagem bem como as chances de inclusão social.

Observando ainda a falta de informação das crianças acerca das deficiências e a urgente necessidade de orientação das mesmas, pontua-se que não é coerente, todavia, partir do princípio de que somos todos seres humanos iguais e instruí-las de que a PcD é exatamente igual a elas. É mais viável pontuar que há sim diferenças e a todo tempo fomentar o respeito a qualquer condição ou diversidade, seja ela de cunho físico, étnico, racial, além de enfatizar que as diferenças não tornam as pessoas inferiores ou passíveis de discriminações.

Não é necessário fazer alusões ou utilizar metáforas ao tentar descrever e esclarecer deficiências, as crianças desde muito jovens possuem a capacidade de compreender conceitos complexos e abstratos.

É também imprescindível pontuar para as crianças que deficiência não é doença e que não traz motivo para tristeza ou pena, evitando pensamentos capacitistas tão presentes nos relatos dos participantes.

As crianças precisam conhecer e entender a finalidade da Tecnologia Assistiva (TA), assim, estando em contato com pessoas com deficiência, sejam elas colegas de turma na escola ou pertencentes aos contextos sociais, as crianças observarão que algumas pessoas fazem uso de recursos e estratégias para conseguir se locomover (cadeira de rodas, muletas, próteses, cães-guia) ou se comunicar melhor (pranchas, língua de sinais) e é essencial que tenham conhecimento a respeito, para que essas situações causem o mínimo de estranheza possível, evitando constrangimento para todos envolvidos.

Entretanto, apenas indicar as diferenças causa segregação de maneira que é imprescindível buscar e elencar também as semelhanças entre as pessoas com e sem deficiências. Conscientizando os jovens estudantes no sentido da tolerância, abrimos margem para uma sociedade com maior empatia e sensibilidade.

**2ª categoria: atleta paraolímpico**

A delegação brasileira foi apresentada aos estudantes e cada membro foi identificado dentro de sua modalidade paraolímpica. Alguns já eram mais conhecidos em função da divulgação da mídia com a proximidade dos jogos. Outros eram desconhecidos.

*Eu já tinha visto o Daniel na televisão e vi ele também em um canal que meu pai assiste. Ele é bem legal e tem um monte de medalhas. Quando ele entra na piscina parece que ele vira um peixe. Não sei como ele consegue, mas é o melhor na minha opinião (João, 8 anos).*

*Eu conhecia alguns atletas do atletismo, porque meu avô é corredor e ele está sempre vendo vídeos de atletismo. Aí eu vi alguns que iam participar dessas olimpíadas. Já brinquei com meu amigo de que ele era cego e eu corria com ele, mas correr segurando aquela fitinha é muito difícil, não sei como eles conseguem, deve ter alguma coisa que eles fazem para dar certo (Francisco, 9 anos).*

*Tem uns atletas que nem parece que têm alguma deficiência. Eu tenho um amigo que tem alguma coisa, esqueci o nome. Ele também não parece que tem nada, mas tem sim que eu já ouvi a mãe dele falar. Será que ele pode competir nos jogos normais? Porque senão parece acho que pode, né professora? (Juliana, 8 anos).*

Observou-se o quanto as experiências vivenciadas em família são de grande importância para a criança na formação de suas percepções, além do valor afetivo envolvido na ação de compartilhar e vivenciar. O resgate que se faz nas convivências com pessoas com deficiência os faz refletir sobre o que assistem, o que vivenciam e podem reproduzir, numa experiência que pode resultar em bons aprendizados, tanto físicos quanto reflexivos. Ainda nas falas a seguir, é possível perceber o quanto essas experiências podem influenciar na percepção da deficiência.

*Eu vi uma vez uma moça sem braço jogar tênis de mesa e achei bem difícil. Mas eu já acho difícil com os dois braços também. Eu não sei jogar direito e acho que do jeito que ela jogava bem, eu ia perder dela. Mas eu acho que ela sabe jogar bem porque ela treina mais, então é por isso que ela jogava bem. Eu acho que nesses jogos é assim, não é que são mais fáceis, é que eles treinam mais (Josiane, 8 anos).*

*Uma vez meu avô me levou em uma gincana do colégio do meu irmão e lá nós vimos um menino que era cego. Na hora do jogo, todo mundo jogou com os olhos tampados e foi muito divertido. Quando chegou em casa a gente brincou disso também e foi muito divertido. A gente tem que prestar atenção no barulho da bola, mas minha mãe ficava falando “Vai Fê, vai para frente, vai para trás” e aí atrapalhava tudo (Fernando, 8 anos).*

*Quando meu pai sofreu um acidente, o médico dele falou que ele poderia praticar algum esporte mesmo na cadeira de rodas e aí ele começou a nadar. Eu vou com ele nos treinos de natação e ele está sempre participando das competições que tem na cidade (Robson, 9 anos).*

Glat (1995) mencionou sobre o estranho e o diferente que gera reações como curiosidade, medo ou repulsa. A partir dessa ideia, em uma sala de aula, é possível encontrar uma oportunidade de desmistificar sentimentos de medo e repulsa diante da deficiência e aproveitar a curiosidade infantil para informá-la sobre o que é realidade e como o diferente pode não ser tão estranho assim. No relato de Robson, percebe-se que a aceitação do pai, diante de sua condição, influenciou o filho também e possivelmente, depois desse fato, ele enxerga a situação do pai com menos medo ou dor.

As concepções e as atitudes em relação às crianças com e sem deficiência tem sido objeto de estudo de diversos autores (BALEOTTI; OMOTE, 2003; BALEOTTI, 2006; VIEIRA; DENARI, 2007; VIEIRA, 2013; SOUZA, 2014; SOUZA, 2019) que apontam o desconhecimento e a assimilação de informações equivocadas, o que pode se agravar ao longo dos anos e tornar-se fantasiosas e carregadas de preconceitos e estereótipos (VIEIRA; VIEIRA, 2020).

Sendo assim, quanto mais cedo, a deficiência for trabalhada com a criança, mais informada ela estará dela. Além disso, conforme citado por Omote (2013, p. 647) “A experiência de contato prévio com pessoas com deficiência parece relacionar-se diretamente com atitudes sociais favoráveis em relação à inclusão”, o que condiz com os princípios inclusivos almejados pela legislação da pessoa com deficiência.

No Brasil cerca de 17,3 milhões de pessoas acima de dois anos tem algum tipo de deficiência (IBGE, 2019) o que representa um percentual muito significativo. Diante disso, a questão da representatividade também se torna um ponto favorável e de grande importância diante da deficiência, pois é mais do que necessário que existam espaços nos quais as pessoas com deficiência possam mostrar-se como de fato são, desmistificando questões para que a sociedade possa ver a diferença e a diversidade com outros olhos.

A mídia é um meio de legitimação de temas/assuntos problematizados na sociedade. Ela possui um papel importante para a desmistificação dos preconceitos acerca das pessoas com deficiência, pois vivemos na era da visibilidade e da representação midiática para construção da identidade do indivíduo. A partir do momento que um discurso se torna midiático, ele é capaz de construir um sistema de representações e contribuir para construção da realidade social de grupos marginalizados, como as pessoas com deficiência (SANTOS, 2020, p. 33).

É presente na mídia, como já citado anteriormente neste texto e encontrado também nos relatos dos estudantes, a ideia de pessoas perfeitas, com corpos perfeitos e a busca incessante para alcançar esses padrões inconcebíveis. Pessoas fora do considerado como “ideal” não têm visibilidade real, sendo algumas vezes compreendida de forma distorcida e capacitista. Esse fato contribui para que não só as crianças como toda sociedade, tenham pouco conhecimento acerca das deficiências. Mas a ideia de um grupo minoritário pode ser repensada seja no cotidiano, na participação midiática televisiva, cinematográfica ou da internet (aliás, em ascensão por meio das redes sociais, com *influencers* que apresentam grandes possibilidades de aprendizado).

Observando o que traz Santos (2020, p.33) no tocante à representatividade das pessoas com deficiência na mídia, já existem iniciativas no Brasil nesse sentido:

[...] dentre elas, a inserção em: filmes, séries, novelas, histórias em quadrinhos, documentários, campanhas, anúncios e estratégias comunicacionais das marcas, criação de manuais de boas práticas por organizações e instituições, inserção de recursos de acessibilidade, entre outros. Além disto, há diversas outras ações que fortalecem o movimento de inclusão das pessoas com deficiência na sociedade. Nesse aspecto, as deficiências podem ser representadas de várias formas na mídia.

Passa a ser então, de considerável valia que as crianças desde cedo tenham a possibilidade de consumir conteúdos, objetos ou até brinquedos que abordem e dialoguem sobre deficiência, acessibilidade e inclusão, contribuindo para a eliminação de preconceitos associados às pessoas com deficiência.

É visível nos relatos dos estudantes que mesmo os que têm deficiência estão ainda bem longe do conhecimento ideal das possibilidades que possuem para desenvolver integralmente suas habilidades. A presença de atletas com deficiência no desenvolvimento da modalidade instigou e motivou os estudantes em condições semelhantes a buscar seu espaço em alguma prática também. Nos relatos a seguir, três estudantes com deficiência física (o primeiro relato é de um estudante com paralisia cerebral, o seguinte de uma estudante tem uma deficiência congênita nos membros inferiores e o terceiro com uma patologia progressiva, ambos utilizam cadeira de rodas) que expressam surpresa e entusiasmo frente às perspectivas existentes descobertas em virtude do acontecimento dos jogos:

*Eu aprendi a nadar porque minha mãe me mostrou a natação. E eu gostei bastante de fazer porque é gostoso. O meu professor falou que um dia, se eu*

*treinar bastante, posso tentar ir para a equipe profissional e eu quero que isso aconteça porque quero ter medalha de ouro um dia também (Lucas, 8 anos).*

*Eu vou começar a jogar tênis de mesa. Meu pai já me matricularam em um curso. Nunca gostei muito de exercício porque eu tenho vergonha. Acho que as pessoas ficam me olhando para ver se eu consigo acertar. Mas eu vi umas moças jogando tênis de mesa nesses jogos e eu gostei. Elas são iguais a mim, então eu vou tentar (Mariana, 9 anos).*

*Eu achei que nunca ia conseguir fazer nenhum esporte. Mas minha mãe me mostrou nos jogos que eu também poderia tentar alguma coisa. Acho que vou tentar a nataçã, mas como vou fazer com a minha cadeira eu não sei [risos] (João Pedro, 8 anos).*

Simultaneamente às experiências, algumas percepções merecem destaque, pois relatam não só a curiosidade sobre as diferenças entre os jogos como retratam alguns aspectos introdutórios que podem e devem ser trabalhados nos estudantes desde muito cedo, como os cuidados com as terminologias, para que não sejam reproduzidos termos pejorativos, na convivência, por exemplo:

*Eu só tinha visto esporte de gente normal, de gente com deficiência eu nunca tinha visto. Mas eu acho que tem muito esporte que a gente pode fazer junto, porque é muito parecido. A nataçã, as corridas, o tênis de mesa e alguns outros que a gente viu aqui. Eu acho que não precisava nem separar os jogos, mas meu pai disse que tem que separar porque cada esporte precisa de uma adaptaçã e aí não seria justo para os atletas (Henrique, 9 anos).*

*Ah, a minha mãe falou que a gente não pode falar que a pessoa quando tem deficiência não é normal. A gente tem que falar que ela tem uma deficiência, porque normal ela é, só é um pouco diferente da gente (Julia, 8 anos).*

*Eu conheço um monte de gente que fala errado isso. Um amigo meu lá da catequese não tem um braço e todo mundo chama ele de coisas feias. A professora de lá falou que ele é especial, então a gente tem que respeitar (Marcela, 8 anos).*

A professora entrevistou orientando aos estudantes que o termo adequado é “pessoa com deficiência” e comentou sobre a questão das diferenças entre os jogos, em respeito às habilidades e potencialidades de cada atleta e de cada categoria. Mas ainda assim, algumas indagações surgiram e deram abertura para a categoria a seguir, sobre as diferenças entre os jogos.

### **3ª categoria: diferenças percebidas entre os jogos olímpicos e paraolímpicos**

Alguns relatos dos estudantes foram bem diretos quanto às diferenças entre os jogos,

## *Jogos paraolímpicos na visão de crianças: uma conversa sobre a deficiência*

*Mas isso aí é esquisito, professora. Se eles treinam e são atletas como qualquer outro, então porque não podem jogar com os atletas normais? Opa, quero dizer, jogar com os atletas que não têm deficiência. Tem esporte que não tem diferença igual a natação, eles poderiam treinar todos juntos, não poderiam? (Ana Clara, 8 anos).*

*Eu acho que se eles treinassem juntos, quem não tem deficiência ia ter vantagem, mas pensando bem, se fosse nadar com essa equipe aí, acho que quem não tem deficiência ia perder, porque eles são muito rápidos (Thiago, 8 anos).*

*Eu acho que tem alguma diferença sim nesses jogos, porque você pode reparar na televisão. Os jogos olímpicos tinham quatro canais transmitindo, já os jogos paraolímpicos eram só teipe e os boletins eram bem rápidos. Tinha uns canais na tevê fechada que transmitia, mas nem pegava para todo mundo assistir (Cauê, 9 anos).*

*Isso aí é verdade, lá em casa a gente queria assistir, mas tinha que ficar procurando os canais porque não passava nos canais que a gente tem. Também assistia pela internet porque alguns jogos passavam por lá. O horário já era ruim da gente assistir, mas também não estava fácil encontrar onde assistir (Isabela, 9 anos).*

Inquietações quanto a transmissão dos jogos e quanto às diferenças que separam os jogos reafirmam a necessidade de trabalhar a inclusão com crianças, pois as diferenças podem ser amenizadas e o convívio entre elas pode ser favorecido. Essa abertura que os estudantes oferecem diante de um assunto como esse deve ser aproveitada e todas as oportunidades para que a temática da deficiência seja explorada nas escolas tornam-se de grande significado.

Ao final da aula, a professora indicou que cada estudante, tanto do presencial quanto do remoto, escolhesse uma modalidade para brincar com alguém da família. Eles deveriam registrar a atividade em uma fotografia ou um vídeo que depois seria exposto para a sala de aula e seus colegas.

Dos 40 estudantes envolvidos na atividade, obteve-se como retorno 37 registros entre fotos e vídeos rápidos. A professora deixou que cada um explicasse sua escolha e falasse sobre ela, assim, mais alguns relatos foram bem interessantes, pois demonstram além da alegria de brincar, a descoberta de novas possibilidades no esporte e na convivência com pessoas com deficiência.

*Escolhi a corrida, minha mãe segurou a fitinha e eu corri de olhos vendados. Depois trocamos de lugar e foi muito divertido, porque ela não corria reto e eu não alcançava os passos dela. Agora quando puder vou tentar com meu pai e meu irmão também (Felipe, 8 anos).*

*Eu escolhi a nataçãõ, mas meu pai ficou ao meu lado, porque ele segurou meus braços e depois segurou as minhas pernas. Aí professora, eu vi que não consigo nadar como eles nos jogos, mas descobri que eles devem treinar muito para conseguir, já que eu vi que é bem difícil (Ana Clara, 8 anos).*

*Eu tentei o vôlei sentado e eu adorei. Agora só quero jogar assim, é muito divertido. E eu tenho um primo que usa muleta porque ele tem um problema nas pernas. Assim eu vi que ele consegue brincar comigo e ele gostou bastante também (Ruan, 8 anos).*

*Eu tentei jogar basquete na cadeira de rodas do meu avô, mas eu não gostei não. Quando ele não tinha que ficar na cadeira, ele brincava mais comigo. Não achei legal brincar disso (Rodrigo, 9 anos).*

Percebeu-se também em alguns relatos o quanto a mudança causada pela deficiência reflete na vida de todos que vivem ao redor. Os relatos do estudante Rodrigo, por exemplo, apontam o quanto ele sentiu a mudança que vivenciou em família, pelo que se percebe, o avô não utilizava a cadeira de rodas e esse fato trouxe para a relação entre neto-avô mudanças significativas para ele. Em casos assim, talvez um acompanhamento mais próximo do estudante possa auxiliá-lo a passar por essa fase de adaptação. Portanto, cabe aos professores, atentar-se para comportamentos do tipo, conversar quando possível, seja com o estudante ou com a família dele e encaminhar para um profissional especializado, caso exista a necessidade.

### **Considerações finais**

Trabalhar os jogos paraolímpicos com estudantes do Ensino Fundamental I trouxe pontos importantes para a comunidade escolar, em geral: 1) uma temática que abriga tantas possibilidades deve ser trabalhada em todas as fases escolares; 2) abordar a questão da deficiência e o quanto o esporte pode contribuir para novos olhares condizentes com os princípios da inclusão e contribuir de forma muito significativa para o melhor convívio entre as crianças e para a representatividade diante de estudantes com deficiência; 3) a curiosidade infantil deve ser aproveitada em prol de informá-las corretamente sobre determinados assuntos, evitando que preconceitos e equívocos sejam amadurecidos em seu desenvolvimento.

A proposta de registrar a atividade e vivenciar a modalidade pode não trazer a totalidade da vivência da deficiência, mas é uma possibilidade importante, mesmo que

momentânea, sobre o sentir e o estar na deficiência, o que pode auxiliar no desenvolvimento da empatia e do respeito ao diferente.

A parceria escola-família precisa ser o pilar para grandes mudanças na Educação. E nesse cenário, existe mais um elemento que precisa ser mencionado: a biblioteca escolar. Toda a atividade desenvolvida foi possível com apoio de profissionais capacitados para a captação de materiais e para a proposição de ideias, o que fortalece a iniciativa e refirma o poder existente no trabalho colaborativo.

A Educação Física proporciona ao estudante não só a vivência do esporte, mas o despertar para a qualidade de vida e nesse aspecto torna-se transformadora de um cenário que pode modificar vidas e opiniões.

### **Referências**

ALMEIDA, Marcelo Silveira. **Educação Física Escolar e a inclusão de estudantes com deficiências**. Dissertação de Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento, Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP), 2008. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/1689/1/Marcelo%20Silveira%20de%20Almeida.pdf> Acesso em: 29 out. 2021.

ARRUDA, Lauro. **Ludwig Guttmann: o criador dos Jogos Paraolímpicos**. [20--]. Disponível em: <https://hospitaldocoracao.com.br/novo/midias-e-artigos/> Acesso em: 02 out. 2021.

BALEOTTI, Luciana. Ramos. **Um estudo do ambiente educacional inclusivo: descrição das atitudes sociais em relação à inclusão e das relações interpessoais**. 2006. 183 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2006.

BALEOTTI, Luciana Ramos; OMOTE, Sadao. Atitudes sociais de estudantes do ciclo I do Ensino Fundamental em relação à inclusão: construção de uma escala infantil. In: **SIMPÓSIO EM FILOSOFIA E CIÊNCIA**, 5 – Trabalho e conhecimento: desafios e responsabilidades das ciências, 2003, Marília. *Anais eletrônicos...* Marília: UNESP Marília Publicações, 2003. 1 CD-ROM

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Competências gerais da Base Nacional Comum Curricular. 2018a. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_20dez\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf) Acesso em: 23 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Linguagens: Educação Física: ensino fundamental. [2018b]. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> . Acesso em: 04 out. 2021.

CARDOSO, Vinicius Denardin et al. Esporte paraolímpico no Brasil: De sua estruturação a sua consolidação. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, jan. 2016. Disponível em: [http://www.fade.up.pt/rpcd/\\_arquivo/artigos\\_soltos/2016-1/04.pdf](http://www.fade.up.pt/rpcd/_arquivo/artigos_soltos/2016-1/04.pdf). Acesso em: 02 out. 2021.

CATUNDA, Ricardo. (org). **Inclusão social através do esporte**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2021. 12v. (Inclusão Social através do esporte).

COSTA, Marco Antonio Ferreira; COSTA, Maria de Fátima Barroso. **Metodologia da Pesquisa: conceitos e técnicas**. Rio de Janeiro: Interciência, 2001.

FIGUEIREDO, Tatiane Hilgemberg. Do coitadinho ao super-herói. Representação social dos atletas paralímpicos na mídia brasileira e portuguesa. **Ciberlegenda**, v.30, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36954> Acesso em: 10 set. 2021.

FREITAS, Clarine do Nascimento; COSTA, Fabiane Adela Tonetto. As implicações das práticas inclusivas na Educação Infantil para as crianças com desenvolvimento típico. 2014. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. **Anais...** São Carlos: DOI, 2014. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee6/papers/as-implicacoes-das-praticas-inclusivas-na-educacao-infantil-para-as-criancas-com-desenvolvimento-tipico> Acesso em: 23 out. 2021.

GLAT, Rosana. **Integração dos portadores de deficiência: uma questão psicossocial**. *Temas em psicologia*, n.2, 89-94, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional de Saúde 2019: Informações sobre domicílios, acesso e utilização dos serviços de saúde**. Rio de Janeiro, 2020. 89 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101748.pdf> Acesso em: 29 out. 2021.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues et al. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v.23, n.4, p. 365-377, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/XbKyWDkTZvw7p9HsdtDbMVw/abstract?lang=pt#> Acesso em: 02 out.2021.

OMOTE, Sadao; FONSECA-JANES, Cristina Regina Xavier; VIEIRA, Camila Mugnai. Variáveis pessoais do professor e suas relações com a classe. In: OMOTE, Sadao; BRAGA, Tania Moron Saes; CHACON, Miguel Claudio Moriel.; SABORIDO, David Montalvo (Eds.) **Reflexiones internacionales sobre la formación de profesores para la atención a los alumnos con necesidades educativas especiales**. Alcalá de Henares (Espanha), Universidad de Alcalá, 2014. p. 149-178.

OMOTE, Sadao. Inclusão e a questão das diferenças na educação. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 24, p. 251-272, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10589/10117> Acesso em: 29 out. 2021.

OMOTE, Sadao. **Inclusão**: da intenção à realidade. Marília: Fundepe, 2004.

RUDIO, Franz Vitor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 144p.

SANTOS, Silvan Menezes dos et al. Esportividade, melancolia, nacionalismo e deficiência: a cobertura fotográfica dos jogos paralímpicos pelas lentes da Folha de São Paulo (1992 – 2016). **Motrivivência**, v.30, n.56, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2018v30n56p76>  
Acesso em: 02 out.2021.

SANTOS, Lorryne Caroline. **Publicidade inclusiva**: uma análise discursiva da representatividade das pessoas com deficiências sensoriais em anúncios publicitários televisivos. 2020. 135 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/10492/5/Disserta%20-%20Lorryne%20Caroline%20-%202020.pdf> Acesso em: 28 out.2021.

SIMIM, Mário Antonio de Moura. Esporte Paralímpico em Jovens Atletas. In: COELHO, Emerson Filipino.; WERNECK, Francisco Zacaron.; FERREIRA, Renato Mello (Org.). **Manual do Jovem Atleta**: da escola ao alto rendimento. Curitiba: Editora CRV, 2020, v. 1, p. 377-396.

SOUZA, Maewa Martins Gomes da Silva e. **Estudo evolutivo de concepções de crianças e adolescentes sem deficiência sobre as deficiências e suas atitudes sociais em relação à inclusão**. 2014. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2014.

SOUZA, Maewa Martins Gomes da Silva e. **Concepções de deficiência e atitudes sociais de crianças e adolescentes sem deficiência pertencentes a contextos sociais diferentes**. 2019. 162 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2019.

TONON, Luciana Maria Micheletti; RUBIO, Katia. Do imperfeito ao mais-que-perfeito: a kalokagathía dos atletas paraolímpicos. **Movimento** (Porto Alegre), v.24, n.3, p. 1001-1014, jul.-set. 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/1153/115360478022/html/> Acesso em: 05 out. 2021.

TORRI, Danielle; VAZ, Alexandre Fernandes. Esporte paralímpico: difícil inclusão, incorporação tecnológica, corpos competitivos. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 12, n.2, p.536-550, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/8719/5562> Acesso em: 10 set.2021.

TUBINO, Manoel José. Gomes. **Estudos brasileiros sobre o esporte**: ênfase no esporte-educação. Maringá: Eduem, 2010.

VIEIRA, Camila Mugnai. Estratégias em sala de aula para mudanças de concepções e atitudes sociais de estudantes em relação à inclusão. In: MANZINI, E. (Org.). **Educação especial e inclusão: temas atuais**. São Carlos, SP: Marquezine & Manzini; ABPEE, 2013. p 169-188.

VIEIRA, Camila Mugnai; DENARI, Fátima. O que pensam e sentem crianças não-deficientes em relação às deficiências e à inclusão: revisão bibliográfica. **Revista da FAEEBAA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 16, n. 27. p. 31-40, jan/jun, 2007.

VIEIRA, Camila Mugnai; VIEIRA, Priscila Mugnai. Crianças e inclusão: mudanças de atitudes sociais por meio de estratégias educativas e lúdicas. In: SOUZA, Maewa Martina Gomes da Silva e; CONCEIÇÃO, Aline de Novaes; PEREIRA, Adriana Alonso (Org.). **Atitudes Sociais em relação à Inclusão: da Educação Infantil ao Ensino Superior**. Porto Alegre: Fi, 2020, v. 1, p. 12-29.

## Nota

---

<sup>i</sup> Todos os procedimentos éticos foram respeitados e cumpridos. Na transcrição dos relatos, os nomes dos estudantes foram devidamente alterados, mantidas apenas a indicação da idade de cada um.

## Sobre as autoras

### **Danielle da Silva Pinheiro Wellichan**

Bibliotecária e Pedagoga Especialista, Mestra em Ciência da Informação e Doutoranda em Educação, na linha de Educação Especial na UNESP/Marília. É participante do Grupo de Pesquisa Deficiências Físicas e Sensoriais (DeFSen) na UNESP, campus de Marília. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6978-7361> contato: [danielle.s.pinheiro@unesp.br](mailto:danielle.s.pinheiro@unesp.br)

### **Fernanda Mussato Vasconcelos**

Professora, Letróloga e Pedagoga Especialista, Mestranda em Educação, na linha de Educação Especial no Programa de Pós-Graduação na UNESP/Marília. É participante do Grupo de Pesquisa Deficiências Físicas e Sensoriais (DeFSen) na UNESP, campus de Marília. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1803-8333> contato: [fernanda.vasconcelos@unesp.br](mailto:fernanda.vasconcelos@unesp.br)

Recebido em: 03/03/2022

Aceito para publicação em: 11/11/2022